

AS RELAÇÕES ENTRE INFORMAÇÃO, LINGUAGEM E CONHECIMENTO: Em Busca de um Processo Dialógico

Leandro dos Santos Nascimento

Mestrando em Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade de São Paulo
le_santos20@yahoo.com.br

Artigo Original

Resumo

O desenvolvimento da sociedade vai desvelando distintas abordagens paradigmáticas em relação à organização da informação. Na atualidade, percebe-se que, muitas vezes, o acesso é o foco, mas tal abordagem desencadeia diversas questões. Objetiva-se, assim, refletir a dialogia como um processo indispensável nas formas de organização da informação, e das linguagens informacionais, em prol do desenvolvimento do conhecimento e, sobretudo, diante dos desafios tecnológicos e da demanda informacional atuais. Para isso, estabelece considerações entre a informação, a linguagem e o conhecimento, considerando o processo dialógico, por meio de revisão de literatura. Por fim, trata da organização da informação tendo em vista a disponibilização e o acesso, com vistas à apropriação e ao desenvolvimento do conhecimento.

Palavras-chave

Informação. Linguagem. Conhecimento. Dialogia. Organização da informação.

1 INTRODUÇÃO

A informação, na contemporaneidade, deve ser compreendida além de um insumo para tomada de decisões, pois adquiriu um *status* substantivo e imperativo, definindo-a como categoria qualificadora de uma era (SANTAELLA, 2007). Porém, como a informação não se prende a uma área, mas é objeto de distintas áreas científicas, e invariavelmente está presente nos diversos caminhos e reflexões, percebe-se que ultrapassa e transcende várias linhas de raciocínio, e por isso conecta o mundo. Assim, nota-se a importância atribuída à informação, uma vez que esta pode vir a se tornar conhecimento.

É nesse processo que centramos nossa reflexão, uma vez que as ações que transformam a informação em conhecimento são inerentes ao ser humano, acontecem em sua mente a partir da devida apropriação da informação, mas para chegar a esse ponto requer instrumentos que facilitem a localização, o acesso, a reflexão, a apropriação e por

fim a produção do conhecimento. Deste modo, nosso objetivo é refletir a dialogia como um processo indispensável nas formas de organização da informação, e das linguagens informacionais, em prol do desenvolvimento do conhecimento e, sobretudo, diante dos desafios tecnológicos e da demanda informacional decorrente. Para tanto, pautamos nossa discussão sob os argumentos de autores que refletem essa temática, referências estas oferecidas na disciplina “Informação e Linguagem”, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo, em 2016.

Nos dias atuais, a forma como a informação é disponibilizada, e se apresenta pelas diversas ferramentas tecnológicas, seria inimaginável em tempos passados, por mais que Paul Otlet tenha sido um visionário que vislumbrou diversas tecnologias para facilitar seu acesso e recuperação. Ou seja, a informação nos chega incessantemente, tornando todo o processo de análise, de interrogar a mesma, como ação predecessora da produ-

ção de conhecimento, uma fase complexa e difícil.

Desta maneira, existe um problema a ser refletido e que Barreto (1994, p.1) questiona: “como se trabalhar com a informação enquanto estruturas significantes, no sentido de direcioná-la ao seu propósito de produtora de conhecimento para a sociedade [?]”.

Diante desse contexto, se a oferta informacional é demasiadamente grande, é necessário aos sujeitos saber se portar, filtrar, compreender esse mecanismo, isto é, possuir os saberes informacionais necessários para esse ambiente. Além de possuir acesso, é imprescindível que as pessoas compreendam o universo informacional, portanto, saibam como a informação está organizada para uma eficiente e eficaz recuperação, tratando claramente da busca ativa da mesma, e não apenas de seu recebimento passivo.

É importante frisar que diante de um contexto em que a produção da informação não possui relação direta com o desenvolvimento do conhecimento, e que a indústria informacional possui as características da revolução industrial, produzindo mais por menos, chegamos à diminuição semiótica do conteúdo, com a produção de novas ferramentas de linguagem e reduzindo o universo da linguagem natural (BARRETO, 1994), fato que coloca os usuários como sujeitos passivos e dependentes desses mecanismos.

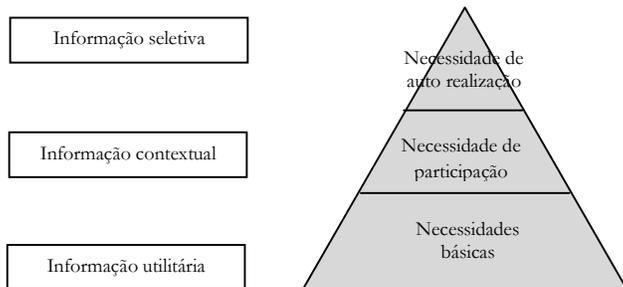
Se para a construção do conhecimento é necessária a tríade “sujeito, linguagem e objeto” (TÁLAMO, 2004), podemos perceber que a linguagem é como a conexão que liga o sujeito interessado ao objeto a ser aprendido e apropriado. É, portanto, por meio da linguagem, e de sua compreensão, que acontece a troca simbólica entre a necessidade de informação e a informação propriamente dita, e este processo desencadeia o desenvolvimento do conhecimento. Compreende-se, portanto, que apenas com o domínio da linguagem é que essa troca pode acontecer, e a partir daí é que haverá a possibilidade da informação se tornar conhecimento, e antes, um mero dado se tornar informação.

Se “a linguagem mantém relação especial com o pensamento” (TÁLAMO, 2004, p.4), podemos tecer algumas considerações: o domínio de um código linguístico requer determinadas competências dos sujeitos, ou seja, devem ser capazes de compreender e traduzir para seu próprio contexto aquilo que não o está. Ao fazer essa “tradução” as informações são revestidas de inúmeras características próprias, e para que isso de fato aconteça, as novas informações são confrontadas com o conhecimento prévio dos indivíduos, o que eles trazem na bagagem intelectual, para que essa informação possua algum significado e não seja mero dado solto e descontextualizado. Nota-se que o conhecimento é a interpretação das informações à luz dos conhecimentos prévios, portanto variável, intangível e distinto de pessoa a pessoa e, acontece a partir da negociação de sentidos, também identificado como “campo de tensões” (BAITELLO JR, 1994, p. 20). É durante esse processo de produção de significado, e de satisfação dessa necessidade de informação, que gradativamente se vai refinando as necessidades de informacionais.

Barreto (1994, p. 04) apresenta a pirâmide das necessidades humanas (Figura 1), criada por Maslow (1970), adaptando-a para a nossa realidade com o ambiente informacional.

A pirâmide das necessidades humanas, e nesse caso informacionais, deve ser interpretada da base para o topo, ou seja, a maioria das pessoas se encontra nas necessidades básicas como moradia, segurança, saúde, etc. Informacionalmente necessitam de informações úteis que sanem suas necessidades básicas, passando para o próximo nível apenas quando tal necessidade for sanada, e a informação tiver sido apropriada. O nível seguinte, em que um número menor de indivíduos se encontra, busca suprir necessidades de participação em grupos sociais, e buscam tudo o que forneça dados contextuais sobre tais grupos. O terceiro nível, no topo da pirâmide, nos mostra que apenas uma elite chega a buscar as informações de autorrealização, portanto informações seletivas e contextuais.

Figura 1 – Pirâmide das necessidades humanas

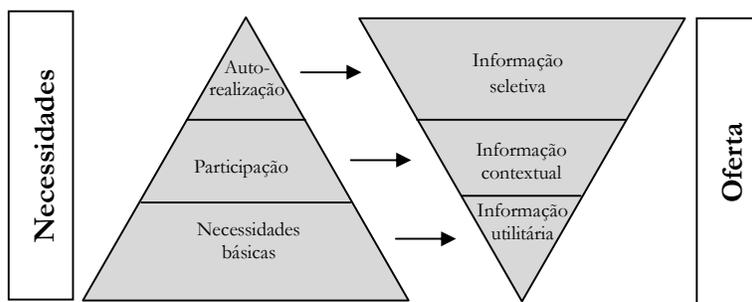


Fonte: Barreto (1994).

Para nossa discussão, faz-se pertinente o entendimento de que as pessoas só podem passar para outro nível informacional e de conhecimento, com o acesso e apropriação da informação, e para isso deverá dominar os códigos linguísticos necessários, para satisfazer suas necessidades e, portanto, “subir de nível”. O domínio de tais códigos, além de outras habilidades, se faz extrema-

mente necessário nesse contexto, pois a oferta de informação se relaciona à demanda como uma pirâmide invertida, inversamente proporcional em termos qualitativos e quantitativos (BARRETO, 1994), ou seja, mais pessoas buscam informações utilitárias, que são mais objetivas, enquanto a informação seletiva é mais subjetiva, porém com menos demanda, conforme Figura 2.

Figura 2 – Pirâmide das necessidades humanas



Fonte: Barreto (1994).

Barreto (1994) nos adverte que tais ilustrações foram feitas para esclarecer a discussão, mas devem ser observadas com flexibilidade e tolerância, uma vez que radicaliza posições. Em nosso caso, fica evidente que o acesso às informações seletivas não é feito pela maioria das pessoas, por inúmeras situações e características, e que a oferta e a demanda não se equilibram na balança. Por esta razão saber acessar e utilizar os recursos informacionais, quer sejam físicos ou eletrônicos, e mais que isso compreender e inter-

rogar a informação, se faz tão importante na contemporaneidade, e um dos elementos presente nesses recursos é a linguagem.

Dessa forma as questões evidenciadas se tornam ainda mais complexas tendo em vista o cenário da sociedade “informacional”, que tem por princípio a ampla circulação e o acesso. A linguagem e a comunicação se mostram processos extremamente necessários frente a essa realidade, pois somente com o entendimento da linguagem é que a comunicação ocorre efetivamente. Em

outros termos, não basta fornecer recursos para acesso se os indivíduos não compreenderem sua linguagem de operação e como a informação, o conhecimento já produzido está organizado.

É por meio da negociação de sentidos que reduzimos nossas incertezas no campo informacional, e nesse âmbito os sistemas de vinculação de significados e comunicação tem papel primordial, pois se fazem de ponte que conecta o sujeito ao objeto a ser conhecido, atribuindo-lhe significado. Nesse processo, se torna evidente a importância do domínio da linguagem no campo em que estamos diretamente envolvidos, visto que existe um incontável número de linguagens verbais, gestuais, artísticas, etc. O estabelecimento de vínculos significativos, conforme já dito, possibilita reelaborar a informação recebida e, diante desse contexto, pensar nessa vinculação significativa para os sistemas de linguagem informacional se faz necessário e imprescindível.

Se a organização e o uso efetivo da informação colaboram para a redução da incerteza e o avanço do conhecimento, o grande desafio então é construir estruturas significantes que colaborem para esse fim, com o complicador de que os sujeitos são diferentes, possuem distintos conhecimentos prévios, assim como níveis de interação com o universo informacional e aptidões linguísticas.

2 O PROCESSO DIALÓGICO NA CONSTRUÇÃO DAS LINGUAGENS INFORMACIONAIS

Garantir acesso à informação é fator crucial na contemporaneidade, pois é a partir daí que os sujeitos poderão prosseguir em seu desenvolvimento, mas é necessário frisar que o acesso apenas não garante a apropriação da informação. Podemos ilustrar nossa argumentação a partir da reflexão de Perrotti (2015) que explicitou distintas abordagens paradigmáticas relacionadas à informação e às bibliotecas:

1 – Inicialmente temos a ideia de Biblioteca Templum: “invenção remota no tempo, origem mesmo das bibliotecas”

(PERROTTI, 2015, p.6). Como adjetivada, essa visão da biblioteca pode ser encarada como algo sagrado no qual o importante seria salvaguardar a memória e o controle, como, por exemplo, “a Biblioteca de Alexandria (séc. III)”;

2 - Posteriormente chegamos à concepção de Biblioteca Emporium, como:

Invenção dos Tempos Modernos, incentivada pelos ideais iluministas, pelos reformadores sociais, militantes da universalização da educação pública. Tal modelo ganha expressão social significativa com a invenção da biblioteca pública. (PERROTTI, 2015, p.6).

Diferente do modelo anterior, esta abordagem tem como paradigma a difusão e o acesso social ao conhecimento institucionalizado, preocupada, portanto, apenas em dar acesso à informação. A própria ideia de “emporium” evidencia uma visão de consumidor informacional, no qual os “produtos” são oferecidos e as pessoas meramente consomem aquilo que lhes é ofertado;

3 - Com o amplo desenvolvimento social, tecnológico e paradigmático, chegamos, portanto, à abordagem atual, conceituada como Biblioteca “forum”, que traz em si, profundamente intrínseca, a ideia da dialogia, da apropriação cultural, espaço de tensão, de negociação de sentidos. Se nossa atenção focar as perspectivas lançadas nos tempos atuais, veremos que essa abordagem busca responder a tais desafios, ou seja, de tornar as pessoas autônomas nos processos de aprendizagem e em suas relações com a informação.

Diante disso, o processo dialógico, aqui entendido como um referencial conceitual e metodológico que faz “[...] frente à ordem discursiva monológica, responsável por gerar dificuldades, por vezes intransponíveis, aos processos de busca” (PIERUCINI, 2007, p.4), se destaca. Este processo se faz elemento essencial por considerar as pessoas em sua totalidade e refletir, portanto, a partir de sua aplicação nos serviços de informação, a busca pela significação e contextualização, tornando, conseqüentemente,

a linguagem empregada e os serviços de informação muito mais próximos e parte inerente dos sujeitos.

3 A LINGUAGEM INFORMACIONAL

A linguagem informacional pode ser compreendida como um conjunto de

[...] linguagens e recursos de indexação, armazenamento e recuperação de documentos e informações, a linguagem informacional contempla, na ordem dialógica do dispositivo, elementos referentes à Linguagem Documentária modular, Produtos documentários e Linguagens não documentárias. (PIERUCCINI, 2007, p.7).

O que corrobora com o pensamento de Gardin (1973) que utiliza o termo “linguagem informacional” para as linguagens de indexação e listas de termos e descritores, e com Vogel (2009, p. 84) que afirma que “as linguagens documentárias receberam diversas denominações”, entre elas “linguagem informacional”, e o descreve como um meio de comunicação, mas vai além por considerar os produtos e linguagens não documentárias.

Dessa maneira, podemos compreender a linguagem informacional como o resultado da interação das linguagens documentárias, os instrumentos de recuperação da informação e a atuação dos mediadores. Seu objetivo ressalta-se no atendimento significativo, ou seja, na construção de pontes com significado contextual, muito mais amplo e profundo do que métodos impositivos e imperativos, com vistas à autonomia de seu público, que deve ser construído com o conhecimento dos sujeitos que se utilizam dos dispositivos e dos recursos informacionais, e dos potenciais, para que essa construção e a dialogia possa de fato se realizar.

Pieruccini (2007) elenca os elementos constituintes da linguagem informacional que deverão ser pensados de maneira dialógica, sendo que a linguagem documentária modular compõe-se da ordem física dos documentos, como os sistemas de classifica-

ção que “incorpora[m] formas e linguagens que sejam progressivamente inteligíveis” (PIERUCCINI, 2007, p. 8). Os produtos documentários são idealizados com vistas a uma forma de comunicação efetiva entre os estoques de conhecimento e os sujeitos, indo além das linguagens documentárias tradicionais, mas trabalhando de maneira complementar, com informações áudio e/ou visuais. As linguagens não documentárias constituem o centro do processo dialógico, pois são a forma de interação direta com os indivíduos e, portanto, propiciam a percepção de suas reais necessidades e dificuldades, são as relações interpessoais que buscam torná-los hábeis na interpretação das linguagens aplicadas.

4 OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Os processos de significação são estabelecidos de maneira individual a partir das vivências de cada um, por isso atuar para proporcionar esta ação se mostra atividade complexa, mas por outro lado extremamente necessária. Para um significado ser atribuído a um signo é necessário um código e este necessita ser interpretado e compreendido. A presente afirmação pode ser ilustrada pelo texto de Mía Couto (2011) “Línguas que não sabíamos que sabíamos” no qual sua narrativa nos mostra duas histórias extremamente pertinentes. Inicialmente, temos uma mulher enferma que suplica a seu marido que lhe conte uma história para lhe apaziguar as dores, mas por meio de uma língua nova e desconhecida, pois ela já não suportava ouvir mais do mesmo e tinha ânsia por não compreender nada. Antes mesmo do fim da história a mulher adormeceu tranquila. A cena nos mostra a individualidade dos processos de significação, pois, mesmo em um cenário em que a compreensão se fez ausente, para aquela mulher era sua necessidade, e seu contexto e realidade deram significado àquelas palavras incompreensíveis.

A segunda situação é um episódio acontecido em 1989, em uma viagem de pesquisa na Ilha da Inhaca, tendo por tema educação ambiental. Em uma reunião, entre

os pesquisadores e os nativos, explicitaram-se mal entendidos linguísticos que expressavam, sobretudo, diferenças de pensamento acima da linguagem. A comunicação era feita por meio da tradução do inglês para o português e do português para a língua local, o *chidindinbe*. A reunião começou com a apresentação daqueles que se denominaram cientistas, mas na língua local não existia essa palavra ou uma relativa, e o termo escolhido foi *inguetha*, que se traduz por feiticeiros. Após ocorreu a apresentação dos objetivos da reunião que era trabalhar com educação ambiental, mas o termo também não existia na língua local, sendo que o tradutor utilizou um termo que acaba referindo-se ao *Big Bang* e o momento da criação da humanidade. É evidente que os nativos não compreenderam a realidade naquela reunião, pois a eles se apresentavam feiticeiros que trabalhariam questões da criação da humanidade! Outras situações embaraçosas e conflitantes ocorreram, mas para nossa discussão o interessante é notar que o contexto de determinado grupo pode não fazer sentido a outro, pelo contrário, torna a situação embaraçosa, conflituosa e pouco produtiva.

Em nosso caso, se a linguagem não for pensada de forma contextual e significativa, os processos de significação podem não acontecer, o que culmina com a não apropriação da informação e, por sua vez, com o não desenvolvimento do conhecimento, fato explicitado na situação acima. Talvez por isso, os diversos tipos de dispositivos informacionais são importantes, pois trabalham com públicos específicos que são uniformizados por características inerentes, esperadas de quem deles se utiliza. Por exemplo, podemos elencar as bibliotecas universitárias, públicas, escolares e infantis, que reúnem em si características que são esperadas dos sujeitos, portanto, as linguagens informacionais aí desenvolvidas possuem características próprias que não se aplicam diretamente umas as outras, sendo que o que mais irá distingui-las são os processos dialógicos que tratarão cada caso particularmente.

Outra situação pertinente pode ser ilustrada pelo texto de Todorov (2003, p.141) “Cortez e os signos”, no livro “A

conquista da América: a questão do outro”. Neste capítulo nos é mostrado que além da tradução da linguagem é necessária a tradução cultural, pois apenas a linguística não se faz suficiente, como já entendemos anteriormente. A tradução feita pela “La Malinche” entre Cortez e os índios, e nas diversas situações necessárias, nos mostram a necessidade de um mediador, que reúna em si competências linguísticas e culturais, que saiba trabalhar de maneira significativa e cultural, caso contrário cairemos no erro da mera tradução ao pé da letra, o que ocasionará determinada dificuldade no processo informacional e do conhecimento. Para Todorov (2003, p. 149), “A conquista da informação leva a conquista do reino”; para nós, a conquista da informação, sua compreensão e significação leva a apropriação e ao conhecimento.

Fica explícita assim a necessidade de uma visão mais ampla e transdisciplinar que rompa com padrões estabelecidos em tempos antigos, e que busque responder aos desafios atuais em relação direta ao novo paradigma social.

5 A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: DISPONIBILIZAÇÃO E ACESSO

A organização da informação, como visto, na atualidade, não pressupõe apenas a transferência de estoques informacionais para os sujeitos interessados, mas a apropriação das informações, e para que isso aconteça os serviços de disponibilização e disseminação da informação devem trabalhar de maneira que isso se torne possível. Sendo considerados mais que simples usuários ou consumidores de informação, os protagonistas informacionais devem, por meio da compreensão da organização da informação, reunir condições para sanar suas necessidades. Explicitamos a importância da dialogia nesse processo, para que os sujeitos sejam considerados como parte ativa e imprescindível nesse contexto e, assim, seja abandonada a unidirecionalidade (emissor-receptor).

Um dos maiores entraves no processo de organização, disponibilização e disse-

minação da informação é a questão do estabelecimento de elos de significação entre a produção e a recepção, sendo que os problemas linguísticos são os mais explícitos, uma vez que essa é a ponte que conecta o mundo do interessado e do conhecimento já produzido. Podemos citar como exemplo a problemática de que a mesma informação pode ser apresentada sobre diferentes termos, ou palavras iguais com significados distintos. Assim, inferimos que a morfologia por vezes nos engana e que apenas o contexto pode dar significado.

Chegamos desta forma, aos processos documentários, os vocabulários controlados - a linguagem documentária - parte da linguagem informacional, que se desenvolvem frente à necessidade de padronização e organização da informação com vistas a seu acesso e comunicação. As linguagens documentárias são metalinguagens e que necessariamente devem incorporar as necessidades dos sujeitos, e ser pensadas dialogicamente e não em relação ao acervo estático.

A organização da informação deve ser institucional e objetiva. Visualizamos esta afirmação nos catálogos das bibliotecas universitárias, que buscam, por meio das características esperadas desse público em específico, padronizar a linguagem empregada. Obviamente, esse é um processo de construção constante, extremamente complexo, pois não se pode alterar todo o vocabulário empregado em uma universidade de tempos em tempos, é necessário trabalhar também a questão do desenvolvimento da aptidão linguística nos alunos ingressantes, para que dominem o vocabulário técnico de suas áreas de estudos. Trata-se de uma atividade dupla e constante: desenvolvimento e aprimoramento de ambos os lados.

O emprego de determinado termo para representar um assunto, muitas vezes, pode ser considerado arbitrário e não considerar a linguagem natural, muito embora este aspecto seja importante, pois vai além de especialistas. É o cenário visualizado pelo público que pesquisa em catálogos eletrônicos de bibliotecas, ou em recursos puramente eletrônicos, estes não se restringem a sujeitos com vínculos formais com as institui-

ções. Devemos, portanto, ressaltar a importância das relações em uma linguagem controlada, pois estabelecer termos subordinados é uma possibilidade muito pertinente de atualizar a linguagem sem mudar os termos estabelecidos anteriormente.

No que tange aos recursos eletrônicos, outras abordagens como a folksonomia e a web semântica vêm se desenvolvendo. A folksonomia, segundo Santana (2013, p. 02):

[...] revela-se como um novo tipo de prática relacionada à representação e organização da informação, sendo utilizada em sistemas que permitem a livre descrição dos conteúdos por meio de *tags* (etiquetas) estabelecidas por qualquer pessoa que tenha acesso a essas informações.

É uma prática colaborativa que vai além da rigidez das linguagens documentárias tradicionais, podendo ser desenvolvida por qualquer indivíduo, o que expõe como grande vantagem o uso da linguagem natural inerente às pessoas, mas tem como desvantagem a falta de padronização e a oscilação constante entre os assuntos e termos utilizados.

Já a web semântica “[...] é um projeto da *World Wide Web Consortium* (W3C) cujo objetivo é tornar as informações legíveis por máquina, por meio do desenvolvimento de tecnologias, linguagens, padrões e recomendações” (CATARINO; CERVANTES; CERVANTES, 2015, p.107). A web semântica traz a ideia da associação dos significados das palavras, por isso a ideia de “semântica”, objetivando a significação de conteúdos da Internet, de forma compreensível pelo homem e pela máquina.

Esta é uma proposta interessante tendo em vista a expansão dos documentos nesse meio, mas com ela uma problemática se evidencia: o que se observa são possibilidades sintáticas e não semânticas, ou seja, de combinação dos signos e não de significação e interpretação. Sendo seu objeto final a comunicação e a interpretação de conteúdos, deve ser pensada de maneira a considerar a infinidade de usuários com necessidades e

linguagens diferentes, para que seus objetivos, a comunicação e a interpretação, possam de fato se realizar. Mas a complexidade desse desafio, fazer a máquina interpretar conteúdos, parece-nos muito longe de ser atingido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que o desenvolvimento da sociedade nos impõe inúmeros desafios e, para Ciência da Informação, Documentação, Linguística e áreas correlatas, estes se configuram como grandes possibilidades de avanço e desenvolvimento. Com as diferentes perspectivas, através das distintas épocas, dos paradigmas vigentes na sociedade, até a contemporaneidade com o olhar sobre a apropriação da informação, percebemos a importância desta estar devidamente organizada, em condições de ser disseminada e acessada, e que por fim culmine com o desenvolvimento do conhecimento individual e coletivo. Para este desenvolvimento as ações devem romper com abordagens antigas que não mais respondem aos desafios atuais, mas que devem centrar-se nos sujeitos, que por sua vez precisam ser considerados como protagonistas.

As formas de organização da informação e conhecimento, sua representação física e temática sofrem um enorme desafio: adequar-se às novas demandas. Muitas ideias surgem, sobretudo, pelo amplo desenvolvimento tecnológico, mas se nota que o maior desafio é tornar a máquina capaz de atribuir significado, tendo em vista que tais relações

são estabelecidas pela mente humana, com seus contextos e realidades. O conhecimento é resultado exclusivo das pessoas e, portanto, devemos pensar nas tecnologias como recursos que nos auxiliem a criar elos de significação. Desta forma, os processos dialógicos se fazem extremamente importantes, pois de maneira orgânica, significativa e contextual colaboram para estabelecer vínculos aos sujeitos.

As questões linguísticas se apresentam extremamente atuais, sobretudo nos quadros de superabundância informacional, pois a relação entre informação e linguagem se mostra cada vez mais importante, visto que a segunda pode ser a ponte para a primeira. Desta forma, precisamos olhar sempre para as vantagens e desvantagens de cada nova ideia, para que nos apropriando do lado positivo possamos aliar diferentes resultados a favor da apropriação da informação.

Os processos de significação na contemporaneidade devem ser pensados de maneira a considerar os sujeitos, de forma contextual, para que as relações entre “linguagem e informação” e “informação e conhecimento” possam ser significativas e colaborar para a apropriação da informação, uma vez que as formas de organização da informação e conhecimento seriam mais compreensíveis por parte dos usuários e não um código a ser superado. Aproximar estas duas realidades por meio da adequação mútua de ambos se mostra então o grande objetivo, e desafio, em questão.

THE RELATIONS BETWEEN INFORMATION, LANGUAGE AND KNOWLEDGE: Search of a Dialogical Process

Abstract

The development of society is revealing different paradigmatic approaches to the organization of information. At present, it is often perceived that access is the focus, but such an approach raises several questions. The aim is to reflect the dialogue as an indispensable process in the forms of information organization, and informational languages, for the development of knowledge and, above all, the current technological challenges and information demand. For this, it establishes considerations between information, language and knowledge, considering the dialogic process, through literature review. Finally, it deals with the organization of information with a view to making it available and accessible for the purpose of appropriating and developing knowledge.

Keywords

Information. Language. Knowledge. Dialogy. Knowledge organization.

Artigo recebido em 18/07/2017 e aceito para publicação em 19/09/2017

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JR., N. A sociedade da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, p. 19-21, out./dez. 1994. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/sp/p/v08n04/v08n04_03.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- BARRETO, A. A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, out./dez. 1994. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- CATARINO, M. E.; CERVANTES, B. M. N.; ANDRADE, I. A. A representação temática no contexto da web semântica. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 105-116, set./dez. 2015. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/16242/14531>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- COUTO, M. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: _____. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GARDIN, J. C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v. 29, n. 2, p.137-68, June 1973.
- MASLOW, A. H. **Motivation and a personality**. New York: Harper, 1970.
- PERROTTI, E. **Sobre informação e protagonismo cultural**. São Paulo: [s.n.], 2015.
- PIERUCCINI, I. A ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, SALVADOR. **Anais...** Salvador: PPGCI/UFBA; ANCIB, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- SANTAELLA, L. Potenciais e desafios para a comunicação e inovação. **Comunicação & Inovação**, v. 8, p. 2-7, 2007. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/667>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- SANTANA, G. H. C. A folksonomia como modelo emergente da representação e organização da informação, **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n.3, p.72-92, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/27162>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- TÁLAMO, M. F. G. M. A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento. **Data Grama Zero: Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.2, abr. 2004. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/7615>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- TODOROV, T. Cortez e os signos. In: _____. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.141-179.
- VOGEL, M. J. M. A influência de Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documentária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1 4, número especial, p. 80-92, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a06v14nspe.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.